

1910 — do da esquadra fora anistiado — sendo absolvidos. Edmundo Bittencourt, na primeira página do *Correio da Manhã*, atacando o governo, associava esse julgamento ao bombardeio de Manaus, façanha recente desse governo: “Evidentemente, João Cândido não necessita da medida, nem precisa dessa suposta clemência, que não passa de uma refinada hipocrisia dos seus algozes. O Conselho de Guerra, ao mesmo tempo que patenteou a sua inocência, deixou evidenciada a felonía governamental que mandou encarcerá-lo e martirizá-lo, para vingar-se do almirante da primeira revolta, anistiado pelo Congresso”. Quanto ao caso dantesco do *Satélite*, só a 6 de maio de 1911, pelo *Correio da Manhã*, uma parte da verdade transpirou. Logo outros jornais — *O Século*, o *Diário de Notícias* — abordaram o assunto. Barbosa Lima, na Câmara, a 12 de maio, pronunciava enérgico discurso, exigindo informações do governo. Mas os crimes ficaram impunes.

Sob a batuta de Pinheiro Machado e debaixo de implacável crítica da imprensa oposicionista — o governo Hermes da Fonseca assinalou o apogeu da crítica política em caricatura, no nosso país — as violências se sucediam. Para dar-lhes cobertura, era imprescindível articular mais solidamente as forças partidárias; pretendia-se até organizar a oposição⁽²⁵³⁾. Enquanto isso, desencadeava-se o processo das “salvações”, nos Estados, rolando por terra oligarquias cuja dominação se presumira eterna. Em Pernambuco, o palácio do governo foi tiroteado; a redação do *Diário de Pernambuco*, atacada à bala, mal podia funcionar, e as edições eram queimadas nas ruas: os amigos de Rosa e Silva tiveram de emigrar. Surgiam, no Rio, novos jornais, ao calor da luta política: a 18 de julho de 1911, Irineu Marinho fazia circular *A Noite*, com o reduzido capital de 100 contos de réis, jornal moderno, bem diagramado, feito por profissionais competentes; em menos de um ano, estava em condições de comprar novas máquinas de impressão, linotipos, montando oficina de gravura bem aparelhada, fazendo a distribuição em automóveis. Surgiria, em 1912, *O Imparcial*, com José Eduardo de Macedo Soares chefiando um grupo de bons jornalistas. *A Careta*, com as extraordinárias caricaturas de J. Carlos, mar-

(253) “Pinheiro Machado, no banquete do Teatro Municipal, tinha, já o vimos, encarecido a conveniência da organização de partidos nacionais de governo e oposição, encontrando embora veladas resistências estaduais. Agora chegava o momento de se passar à execução. João Laje, diretor do *País* e mentor intelectual do Governo, na sua primeira fase, redigiu e submeteu a Hermes, que aprovou, uma entrevista em que eram traçados os lineamentos gerais do partido. Publicada a entrevista, pôs-se em movimento a máquina das adesões oficiais, impulsionadas por Pinheiro, que prestigiava incondicionalmente o jornalista português, tendo sido mesmo um dos promotores de um banquete triunfal a ele oferecido, com a presença dos maiores nomes do situacionismo”. (Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., pág. 655, II).